

**Os afazeres das crianças da comunidade de Bom Socorro do Zé Açú, Parintins/AM:
trabalho infantil ou tradição?**

*The actions of children in the community of Bom Socorro do Zé Açú, Parintins/AM: child
labor or tradition?*

Patrícia dos Santos Trindade
Sueyla Ferreira da Silva dos Santos
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
Parintins-AM/Brasil

Resumo

O artigo tem como objetivo compreender como as crianças ribeirinhas de Bom Socorro do Zé Açú entendem o trabalho infantil. A pesquisa qualitativa, tem “inspiração etnográfica”, amparada nas leituras de Walter Benjamin (1987/1994/2002), Fraxe (2007) e Sarmiento (2002/2011). Os interlocutores são 14 crianças, 8 meninos e 6 meninas entre 7 e 12 anos. Desenvolveu-se um estudo que visa conhecer as crianças na situação concreta de seus cotidianos, elegendo os afazeres como categoria de análise. Os resultados permitiram deduzir que o brincar seja uma forma de trabalho ou que o trabalho seja uma brincadeira. Dessa forma, as crianças ribeirinhas constituem-se a partir das suas práticas culturais, considerando que ocupam o território organizado pelo tempo do movimento das águas onde se desdobram costumes, tradições, objetos e histórias capazes de gerar diversidade ambiental e cultural.

Palavras-chave: Criança ribeirinha; Cotidiano; Trabalho.

Abstract

The article aims to understand how riverside children from the community of Bom Socorro do Zé Açú recognize child labor. The qualitative research has “ethnographic inspiration”, supported by the readings of Walter Benjamin (1986/2002), Fraxe (2004/2011) and Sarmiento (2002/2011). The interlocutors are 14 children, 8 boys and 6 girls between 7 and 12 years old. A study explored the daily lives of riverside children, focusing on their chores. Findings suggest that blending work and play implies a reciprocal relationship, blurring the distinction between playing and working. This way, the riverside children are constituted by the contrast of their cultural practices, considering that they inhabit a territory organized by the rhythm of water movement, where customs, traditions, objects, and stories capable of generating environmental and cultural diversity are unfold.

Keywords: Riverside child; Daily; Work.

Os afazeres das crianças da comunidade de Bom Socorro do Zé Açú, Parintins/AM: trabalho infantil ou tradição?

Introdução

Entende-se que a diversidade geográfica e cultural do Brasil constitui um vasto campo de investigação. Um exemplo dessa diversidade é o contexto ribeirinho, cujas formas de viver evidenciam dinâmicas contemporâneas da vida local. Nessa perspectiva, o meio em que as crianças vivem é o *lócus* privilegiado para a observação da interação criança/criança e criança/sociedade, especificamente em situações da vida cotidiana nas quais elas se desenvolvem, aprendem e transmitem repertórios verbais, assumem papéis, reconstróem, influenciam e são influenciadas pelo contexto e pela relação interpessoal que mantêm com o outro (CARVALHO; BERALDO, 1989).

Na comunidade ribeirinha de Bom Socorro do Zé Açú, o espaço onde a vida acontece é histórico e socialmente composto pela pluralidade de vozes trazidas pelas falas dos interlocutores envolvidos no diálogo. Desde muito pequenas as crianças têm um modo de ser e habitar o mundo que atuam na criação de relações sociais, nos processos de aprendizagem e na produção de conhecimento. Sua inserção no mundo acontece pela observação cotidiana e participação diferenciada nas atividades dos adultos, que lhes possibilitam produzir suas próprias sínteses e expressões. A partir de sua interação com outras crianças – realizando tarefas e afazeres de sobrevivência – elas acabam por constituir suas próprias identidades pessoais e sociais.

O que é ser criança? O que é ser criança em uma comunidade ribeirinha? Como é constituído o mundo que ela compartilha com o adulto? Qual o lugar dessas crianças no mundo? Essas indagações apresentaram o desafio de pesquisar as crianças locais, evidenciando seu modo peculiar de produzir cultura e história, fundamentada numa concepção que considera a não universalização da infância, que é diferentemente construída.

Segundo Andrade e Pacheco (2016, p. 112):

[...] a criança ribeirinha da Amazônia faz parte de uma sociedade complexa e heterogênea, com culturas e modos diferentes de vida, ensejando a percepção de que ela não é uma unidade culturalmente homogênea.

Dessa forma, “[...] é no convívio e no confronto das diferenças que as crianças aprendem, desde pequeninas, a respeitar e a valorizar a diversidade sociocultural, tão importante na cultura plural na qual vivemos” (REIS; SANTOS; XAVIER, 2012, p. 12).

As crianças desenvolvem formas específicas de comunicação oral e corporal, criando um vocabulário próprio, constituindo falas a partir das relações sociais que produzem e que as produzem. Assim, analisar as crianças da comunidade ribeirinha de Bom Socorro do Zé Açú é olhar a criança inserida na cultura, vislumbrando o quanto suas práticas e interações com elas mesmas, com seus pares e com adultos, é permeada pelo contexto histórico social. Estudos como o de Müller e Carvalho (2009), Cruz (2008) e Faria, Dermatini e Prado (2009) destacam que observar as crianças, compreendê-las a partir de seus pontos de vista, através de diferentes linguagens, são práticas estabelecidas e recomendadas em pesquisas.

Fundamentada nessa perspectiva e na consideração da criança como sujeito individual e social capaz de produzir cultura e história, este estudo visa conhecer o mundo das crianças ribeirinhas de Bom Socorro do Zé Açú na situação concreta de seus cotidianos.

Falar e pesquisar sobre a infância é justamente o exercício constante no qual o pesquisador do cotidiano da criança ribeirinha se propõe. Fruto da experiência, este texto harmoniza o que foi vivido, visto e sentido e as transformações advindas dessas vivências e reflexões. No cotidiano, a vida se faz e refaz num fluxo permanente, desafiando-nos a mergulhar nesse rio, considerando a multiplicidade de caminhos, afluentes e correntezas, no entrelaçamento dos diferentes sujeitos do cotidiano pesquisado, pois sempre se descobre um novo afluente desse imenso rio.

Métodos e materiais

A pesquisa direcionou-se para uma reflexão sobre as práticas cotidianas da criança no contexto ribeirinho, a fim de conhecer seus modos de vida. O trabalho foi de natureza qualitativa, fruto de uma Tese, e fundamenta-se principalmente na perspectiva teórica de Walter Benjamin (1987; 1994; 2002), que afirma que o cotidiano é feito de silêncio, gritos, sons, cheiros, gestos, atitudes, memórias e tantos outros sinais que na maioria das vezes se encontram embaixo dos escombros da história. “Nossa tarefa ao mergulhar no cotidiano é a de “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIM, 1987 p. 225).

Benjamim (1994) relata, pela voz do menino que foi, um momento histórico no qual evidencia o mundo infantil em sua forma de viver, valores, hábitos, desejos e afetos,

Os afazeres das crianças da comunidade de Bom Socorro do Zé Açu, Parintins/AM: trabalho infantil ou tradição?

situando a criança na sociedade e na cultura, o que não implica defender sua passividade e reprodutibilidade.

Corroborando com a ideia de que a pesquisa do cotidiano como experiência coloca os sujeitos numa relação de envolvimento mútuo e troca, vale ressaltar que essas crianças evidenciam os afazeres como um dos fios que tecem suas vidas. Está no seu próprio “mundo das coisas” (BENJAMIN, 2002).

A pesquisa caracteriza-se como de “inspiração etnográfica”, pois leva em consideração o contexto local, os atores sociais da pesquisa e sua inter-relação, por outro lado, a limitação do tempo de permanência na comunidade pode descaracterizá-la como uma pesquisa de cunho etnográfico. Sendo assim, apoiado nos pressupostos de Müller e Souza entende-se que mesmo o estudo sendo de inspiração etnográfica, buscou-se “[...] constituir as três dimensões da pesquisa: a ação (o que fazem), o discurso (o que dizem) e a representação (o que pensam sobre o que fazem e o que dizem)” (MÜLLER; SOUZA, 2023, p.3).

No decorrer do convívio, percebeu-se que as práticas culturais das crianças ribeirinhas são específicas do seu contexto, fundamental nas formas de transmissão de saberes, de um modo de vida guiado pela natureza, especialmente pelas águas do rio.

Os aspectos históricos sobre permanências e rupturas que circunscrevem a construção do conceito de infância/ infância ribeirinha consiste em averiguar as situações em que as crianças estão inseridas e sua relação com os afazeres. Privilegiaram-se as experiências e ações das crianças a partir desse contexto, evidenciando as falas infantis e adultas sobre o cotidiano da comunidade, respeitando-se as relações de alteridade, já que não existe observação isenta, tudo passa pela visão do pesquisador.

Como parte da metodologia, entrevistaram-se quatorze crianças, oito meninos e seis meninas, entre 7 e 12 anos, que se propuseram participar de todas as atividades realizadas pela pesquisa. Para as entrevistas foi seguido um roteiro de perguntas semiestruturadas e conversas informais com os adultos, além da observação participante, anotações em diário de campo, oficina de desenho e registros fotográficos e em vídeo.

A travessia metodológica das vivências do trabalho de campo envolveu alguns procedimentos:

a) observação participante sobre o cotidiano das crianças da comunidade: interagindo com moradores do lugar, especialmente com as crianças, na escola, em suas casas e andanças, auxiliando o registro sobre a vida local. Ressalta-se a expressividade narrativa dos fatos marcantes na vida das crianças e a escuta atenta, a partir do conceito “observação participante”, que evidenciou o cotidiano das crianças ribeirinhas;

b) conversas informais com os responsáveis das crianças para retratar o dia a dia delas, as manifestações culturais e condicionantes sociais da comunidade. No caso dos adultos, houve consenso e consentimento para sua participação e da criança a qual era responsável, pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);

c) as entrevistas semiestruturadas com os interlocutores, foram registradas em um gravador e autorizadas previamente por eles e seus responsáveis (duração média de uma hora), evidenciando o cotidiano infantil: 1) Como é sua rotina desde a hora em que acorda até a hora de dormir?; 2) Sua rotina é a mesma durante a semana e nos finais de semana?; 3) Quais são as suas brincadeiras favoritas?; 4) Quais os lugares que você gosta de frequentar na comunidade?

d) diário de campo, no qual as observações compõem todas as etapas da pesquisa, além da gravação, foram feitas anotações para direcionamento das falas para atender aos objetivos da pesquisa;

A sistematização, análise dos dados e informações envolveram a articulação da pesquisa bibliográfica e de campo, considerando o contexto sociocultural da comunidade. As falas/discursos são apresentadas como forma de interpretar o objeto de estudo, atentando-se para a escolha dos nomes fictícios a fim de não identificarmos os participantes envolvidos. A ida ao campo possibilitou elencar três categorias de análise: o brincar, os afazeres e as narrativas do lugar, para o presente manuscrito, a categoria “afazeres” foi enfatizada. Os registros fotográficos e de vídeo foram utilizados, pois são importantes ferramentas metodológicas para visualizar materialmente certos aspectos do trabalho.

Resultados e discussão

A partir das falas infantis, das observações no campo, construiu-se uma produção textual coerente. A observação direta, a entrevista com as crianças e o diálogo com parentes ampliou a percepção sobre o objeto de estudo, desvelando o universo ribeirinho

Os afazeres das crianças da comunidade de Bom Socorro do Zé Açú, Parintins/AM: trabalho infantil ou tradição?

no qual os cotidianos, infantil e adulto, estão intimamente entrelaçados por seus singulares modos de vida.

Quando analisada a categoria dos afazeres, que tem como pano de fundo o “trabalho infantil”, apoiando-se na teoria da análise de conteúdo de Bardin (1997;2011), levou em consideração as especificidades do grupo pesquisado. Assumiu-se o cuidado de tratar dessa temática privilegiando seu contexto, fatores e principalmente suas consequências. O questionamento mais relevante foi: os afazeres das crianças da comunidade de Bom Socorro do Zé Açú devem ser entendidos como trabalho infantil ou tradição?

Na opinião de Dona Rosa, uma das mães entrevistadas, fica claro que a criança tem que aprender. Como é que se aprende a plantar? Plantando! Quando os pais estão na roça, a criança assiste televisão ou ajuda nos afazeres de casa? Dona Rosa, que trabalhou na infância com o pai na produção e venda de carvão desde os oito anos de idade, defende que as crianças têm que aprender de tudo na vida, mas traz à tona a discussão sobre trabalho infantil. Cabe esclarecer que o entendimento do trabalho infantil vem do contexto urbano, relaciona-se com o trabalho diferenciado, que separa o espaço da casa, da escola, do trabalho e do lazer. Tudo é separado: essa é a lógica urbana atual.

Segundo Scarim (2014), no campo todos trabalham desde o nascimento até a morte. Não existe separação entre o que é e o que não é trabalho. Aparentemente a criança tem autonomia para decidir se quer fazer algo ou não, se quer pular no rio ou ajudar no preparo da farinha. No entanto, a ideia que predomina no discurso dos pais é a de que se ela não souber produzir farinha ou coletar alimentos básicos, não conseguirá sobreviver ou fazer parte daquele grupo.

Apesar dessa realidade estar implícita no cotidiano da criança ribeirinha, existe uma preocupação com a ilegalidade do trabalho infantil. A mãe que considera obrigação ensinar aos filhos todas as tarefas diz: “[...] se agora a gente for botar uma criança dessa pra trabalhar dá problema”. Difícil perguntar a uma geração passada quando ela começou a trabalhar: não sabem dizer, sempre trabalharam. O fato é que, para algumas culturas, o trabalho infantil equivale à exploração das crianças, sem meios-termos nem caminhos alternativos, o que levou à sua eliminação como uma das possíveis experiências

da vida cotidiana das crianças. Mas as crianças, segundo os ribeirinhos, devem desempenhar tarefas para ajudar na organização da casa e no sustento das famílias.

Ficou claro que a preocupação dos pais com a (i)legalidade do trabalho baseia-se única e exclusivamente na possibilidade de serem penalizados. Ausente esse motivo, não se preocupariam, pois trabalhar é próprio da cultura e da educação das crianças dessa comunidade ribeirinha. O Estatuto da criança e do adolescente (ECA), Lei Federal nº 8069 de julho de 1990, deixa claro o lugar e a função da criança na sociedade e regula as penalidades para aqueles que a desrespeitam. É importante explicitar o sentido de exploração que o trabalho infantil ganha no contexto capitalista, a fim de combater a exploração de crianças que trabalham precocemente no país (BRASIL, 1990).

O cotidiano das crianças ribeirinhas envolve as atividades dos adultos, especialmente seus pais e mães. No dia a dia, elas fazem comida, arrumam a casa, tomam conta de seus irmãos menores, ajudam no roçado e na pesca. Seu lugar social é marcado pelas relações sociais entre elas e os adultos, o que corrobora com o pensamento de Andrade e Reis (2018, p. 18), “[...] a realização do trabalho em família faz parte da cultura local, em que as crianças acompanham os adultos em muitas atividades”.

Essa realidade foi confirmada ao visitar a casa de Toshiro e ouvir de sua mãe que ele gostava de cozinhar: “Meu sonho é ser cozinheiro”. Perguntei se ele sabia fazer algum prato, e rapidamente respondeu: “Sei é cortar tempero”. Gostaria de aprender sobre culinária japonesa com o pai, um ótimo cozinheiro, mas mudar para o Japão, conforme o desejo paterno, não estava em seus planos, pois não gostava de frio e também não queria deixar a vida na comunidade, a escola e os amigos. Toshiro e as outras crianças se movem nos rastros deixados por seus pais, refazendo-os, nas infinitas possibilidades de mudança e renovação de seu tempo histórico. Analisando seus valores, conhecimentos e formas de comunicação, é possível desvelar um universo onde silêncio e exclusão dão lugar à partilha entre adultos e crianças, respeitando-se as alteridades.

Na Comunidade de Bom Socorro do Zé Açú, os interlocutores frequentam a escola e seu cotidiano é impregnado pela envolvente natureza, o que faz da infância ribeirinha uma experiência única. Longe da monotonia, as crianças revelam que vivem às margens do lago a pescar com seus pais, manobram embarcações pequenas, aprendem a andar no mato e a evitar perigos.

Os afazeres das crianças da comunidade de Bom Socorro do Zé Açú, Parintins/AM: trabalho infantil ou tradição?

A identidade nativa se constitui no movimento da vida, na experiência dos primeiros banhos no rio, provando as frutas, comendo peixes, camarão, farinha, brincando de ajudar ou ajudando, de fato, os pais nas atividades de trabalho e, assim, a criança aprende a andar, aprende a remar, a se movimentar pelas águas, a conhecer a floresta e sua importância, sua magia, seus encantos e desencantos, tornando-se um ribeirinho, com um olhar que atravessa as águas que conhece muito bem, um pertencimento mútuo e com a curiosidade de conhecer outros rios-mares (POJO, ELIAS, VILHENA, 2014, p. 191).

Na convivência familiar, o trabalho é distribuído entre as crianças segundo a idade e o sexo. As crianças pequenas são cuidadas pelas irmãs mais velhas ou por parentes próximos. Os meninos fazem o trabalho no roçado, as meninas, os trabalhos domésticos, mas há casos em que essa divisão não prevalece. As crianças menores de dez anos, via de regra, não trabalham na lavoura familiar, onde trabalham os filhos mais velhos; os mais novos estudam, mas também ajudam. Para algumas famílias os filhos devem aprender o ofício e ajudar. A unidade produtiva é a família, todos participam, o que caracteriza responsabilidades e relações interpessoais em patamar diferenciado do trabalho.

Mesmo em suas tarefas laborativas, as crianças revelam a presença das brincadeiras, pois vivem ludicamente o trabalho. Para Sarmiento (2002), vários são os “ofícios” das crianças na construção contemporânea do seu estatuto social: o trabalho como aluno, as atividades domésticas, outras práticas de trabalho e o lazer. O pertencimento à família, as necessidades de subsistência e a importância da escolarização aparecem como marcas sociais trazidas pelo mundo adulto.

Viviane e seu irmão Ronaldo dividem o terreno com mais três famílias e, nos fundos, uma casa de farinha (Figura 1). O espaço privado não provoca o confinamento das crianças, já que os espaços de socialização são alargados pela participação no trabalho familiar e pela constituição das famílias: na mesma área, ainda que em casas separadas, convivem pessoas de diferentes graus de parentesco. A casa e a família são o lugar de todos. O grupo doméstico é constituído pela família nuclear, acrescida de parentes próximos, que participam do trabalho.

Figura 1 – Área de serviço da casa de Viviane e Ronaldo.



Fonte: registros fotográficos do próprio autor, 2017.

A criança ribeirinha organiza seu espaço e aprende, observando o cotidiano, que agrega saberes essenciais à sua sobrevivência. Elas se apropriam do cotidiano, vivendo ludicamente o trabalho, na medida em que nele inserem as brincadeiras.

As brincadeiras, mescladas às atividades laborativas, são marcas infantis que as crianças imprimem em seus pequenos “grandes” mundos, nos quais seus atos são determinados pelas circunstâncias e produtores de novas circunstâncias. Assim, para compreender suas atividades de trabalho, é necessário situá-las dentro das práticas sociais que as viabilizam. O trabalho infantil é um fato, mas há diferenças quanto ao tempo e ao modo de exercerem as atividades. O mesclar de trabalho e brincadeira permite deduzir que o brincar seja uma forma de trabalho ou que o trabalho seja uma brincadeira.

No depoimento das crianças a importância atribuída ao trabalho é diferente da paterna, pois normalmente se apegam mais ao modo de fazer, à experiência auferida em determinadas atividades, em detrimento de seu resultado futuro. Quando algumas crianças destacam que “gostam de plantar maniva porque é divertido”, estão falando do processo realizado. Assim, as crianças apreendem desse trabalho a alegria de estar em grupo, de manusear a terra, de transformar os instrumentos de trabalho em brinquedos, enquanto os adultos encaram a tarefa com responsabilidade. A diversão presente na atividade está relacionada às várias interações que o trabalho possibilita no contato com

Os afazeres das crianças da comunidade de Bom Socorro do Zé Açú, Parintins/AM: trabalho infantil ou tradição?

a natureza: terra, água, animais, árvores, a companhia dos adultos e de outras crianças fazem parte da realidade comunitária. Nessas interações, as crianças não destacam o sentido produtivo do trabalho, mas a possibilidade do brincar associado ao trabalho.

Em uma das minhas visitas à casa dos irmãos Tracy, Jonathan e José, perguntei se costumavam ajudar nas tarefas domésticas, Tracy disse: “esticar o lençol, varrer casa, passar pano”; Jonathan: “Eu, varrer a casa e passar pano” e por fim, José: “Eu é jogar o lixo e limpar o quintal”. Todos da família, incluindo seus irmãos mais velhos, estão envolvidos nas tarefas domésticas. Dona Rosa, mãe das crianças, disse: “[...] a gente tem que ensinar de cada coisa um pouco [...] eles plantam maniva, macaxeira, abacaxi, cará [...] também descasca mandioca, lava a mandioca”. A família possui uma pequena casa de farinha no terreiro de casa, onde se produzem a farinha, o tucupi e a crueira, um biscoitinho com erva-doce, ovo, leite e manteiga (Figura 2).

Figura 2– Casa de farinha: tratamento da mandioca



Fonte: registros fotográficos do próprio autor, 2017.

Para certas mães essas atividades viabilizam o aprendizado de tarefas que certamente farão parte do futuro de seus filhos, logo, é importante aprender fazendo. Para os pais, esses trabalhos não sobrecarregam, não impedem as crianças de estudar ou brincar e também não atrapalham seu desenvolvimento. Como afirmou Dona Rosa, mãe do trio Tracy, Jonathan e José, essas atividades são importantes para que “os filhos não cresçam sem saber como plantar e colher, como produzir seu alimento”. Nesse caso, ela expressa a ideia de que os pais precisam ensinar alguma coisa aos filhos para que aprendam como agir futuramente.

A agricultura familiar tem um lugar especialmente importante na vida familiar dos três irmãos. Entendendo que “[...] a agricultura familiar na Amazônia se caracteriza como uma importante forma de organização de produção que associa família produção e trabalho nos diversos ambientes de produção terrestre e aquáticos” (FRAXE; PEREIRA; WITKOSKI, 2007, p. 56), é comum pensar que a agricultura faz parte do universo das principais atividades praticadas pela população. Os cultivos agrícolas feitos em roças distantes ou nos balcões suspensos (jiraus) envolvem o uso de diversos recursos naturais, tendo como principal objetivo a subsistência familiar. Baseiam-se na mão de obra da própria família e envolvem a todos, crianças e adultos, e são produzidos para consumo próprio, raramente comercializados.

As crianças de Bom Socorro do Zé Açu participam ativamente de todos os momentos da vida comunitária, desde muito cedo, aprendem os costumes, a entender qual é o seu papel naquele grupo social, o que pode causar estranhamento aos visitantes: fui à casa de Manoel para conhecer sua família e conversar com sua mãe. No terreno há várias casas, a de Manoel fica nos fundos. Algumas crianças brincavam na lateral e sua irmã mais nova manuseava um facão tentando descascar uma manga, que caía no chão repetidas vezes, sempre que a pequena tentava levá-la à boca. O receio era que aquela menina tão pequena se ferisse com aquele facão. Assim que a mãe percebeu a aproximação, chegou à janela e pôs-se a olhar a filha e imediatamente mandou a menina largar o facão pedindo que a sua irmã de sete anos o retirasse de suas pequenas mãos.

Assim como as crianças ribeirinhas, as crianças indígenas estão inseridas no mundo adulto, que respeita sua autonomia e não lhes veda participação nos eventos relevantes da tribo (ARAÚJO 2014). De acordo com Lipman (1990) apud Castro; Silva; Ferreira (2023, p.5), “[...] o modelo tribal de educação, no qual a criança é iniciada na cultura, na verdade fornece a assimilação da criança pela cultura”, ou seja, desde cedo, os indígenas constroem remos para os curumins, a fim de que adquiram presteza em uma tarefa deveras importante em seu mundo e, no momento adequado, a exerçam por “dias, semanas e até meses”. Os utensílios de caça e de guerra são adaptados para crianças de quatro anos em diante, de forma a prepará-las para o mundo adulto (LEAL, 2014). As crianças ribeirinhas, assim como as indígenas, trabalham manuseando facões, enxadas e

Os afazeres das crianças da comunidade de Bom Socorro do Zé Açú, Parintins/AM: trabalho infantil ou tradição?

redes de pesca, sobretudo junto ao seu grupo familiar, o que se configura como uma prática corriqueira.

Para transmitir seus saberes e conhecimentos os pais relacionam educação e trabalho, porém, em sua visão, educar os filhos não é mais como antes, pois hoje existem leis que norteiam e ameaçam o comportamento paterno (Conselho Tutelar) a respeito do que podem ou não podem fazer, pois cabe aos pais garantir o acesso à escola regular e a não exploração do trabalho infantil. Existe uma grande chance da exploração do trabalho infantil ser confundida com a dimensão socializadora das atividades que as crianças realizam com seus pais, caindo ambas no fosso da ilegalidade. Teve-se dificuldade em estabelecer com precisão o cerne do problema, pois muitas vezes atribui-se a culpa do fenômeno exclusivamente às carências materiais, sem considerar que colocar os filhos para trabalhar pode ser uma demanda cultural, além da necessidade de sobrevivência.

Embora a exploração da mão de obra infantil seja uma situação deplorável, presente no seio de muitas famílias, especialmente com poucos recursos econômicos, essa é uma realidade difundida em amplos segmentos da sociedade, no meio rural ou urbano, não caracterizada como uma prerrogativa exclusiva das comunidades tradicionais amazônicas. Sarmiento (2002), afirma ser trabalho toda e qualquer atividade humana, assim, independentemente de ser ou não ser exploração, toda criança trabalha, pois desenvolve uma atividade social. Para o autor, o não reconhecimento das atividades realizadas na infância - estudar, participar das atividades na roça, pescar ou ajudar nos serviços domésticos - permite a construção de uma imagem cotidiana que coloca as crianças na escala anônima e as rebaixa ao exercício de atividades socialmente inúteis.

Por fim, é salutar destacar que os resultados deste estudo apresentam limitações quanto à técnica de pesquisa. O estudo de “*inspiração etnográfica*” contextualiza as diferentes nuances e complexidades de interpretação do objeto de estudo, tanto quanto um estudo etnográfico, porém é reconhecido que o tempo de permanência é um elemento divisor entre tais abordagens, acredita-se que o tempo mais prolongado possibilitaria ao pesquisador o acesso a informações igualmente relevantes. No caso desta pesquisa, poderiam ser elucidadas outras interpretações para a compreensão do trabalho no cotidiano da criança ribeirinha. Contudo, as limitações temporais não invalidam a pesquisa, que retrata o esforço para revelar um panorama das práticas

culturais que contribuíram para a construção do perfil das crianças ribeirinhas de Bom Socorro do Zé Açú.

Considerações finais

A pesquisa teórica associada à pesquisa de campo emergiu para análise a categoria afazeres, indicando a relação entre o trabalho e a infância e as formas distintas de praticar o trabalho na comunidade de Bom Socorro do Zé Açú. A partir dos resultados apresentados, foi identificado que o trabalho infantil de caráter socializador faz parte do cotidiano de comunidades ribeirinhas. As crianças revelam que os afazeres são uma forma de aprendizado e consideram diversão seu trabalho na roça e nas atividades domésticas.

As brincadeiras se atrelam aos elementos da natureza e suas perspectivas futuras surgem a partir das suas vivências, ensejando as possíveis profissões no seu grupo social. Para os pais, o trabalho infantil foi considerado um ato de ensinar os filhos a lidar com a terra, com a natureza, com as plantas e, assim, prepará-los para repassar o que aprenderam. Sendo assim, a ajuda dos filhos na roça ou em casa é considerada uma forma de educá-los e prepará-los para a vida.

Ouvir as crianças e as mães foi fundamental para conhecer a realidade e comparar os afazeres com as definições do trabalho infantil, uma vez que existem diferentes visões acerca desse trabalho. As discussões sobre infância e trabalho infantil por muito tempo estiveram indissociadas: crianças devem ficar isentas de qualquer tipo de trabalho, uma vez que é impossível relacioná-lo à infância. No entanto, no decorrer desta pesquisa, percebeu-se que esta visão gera a necessidade de elucidar a relação entre a infância e trabalho e em que situações se excluem mutuamente.

Até aqui ficou claro que, para esses povos, os ensinamentos na infância não têm uma divisão entre teoria e prática. Eles se fundem nas atividades do cotidiano e são repassados pela tradição oral dos mais velhos, que deixa claro não existir o ensinar antes e fazer depois. Diante disso, destaca-se a importância e o reconhecimento do trabalho infantil em Bom Socorro do Zé Açú, situando-o como uma prática social corriqueira.

O trabalho infantil é um fato, mas há diferenças quanto ao tempo e ao modo de exercerem as atividades. Do mesmo modo que o brincar encontra-se presente nos

Os afazeres das crianças da comunidade de Bom Socorro do Zé Açú, Parintins/AM: trabalho infantil ou tradição?

espaços de trabalho e no contexto do espaço da casa, entrelaçando-se na vida cotidiana dos saberes das comunidades ribeirinhas, incluindo a comunidade pesquisada.

Mesmo entendendo todo o contexto cultural, é inegável que existem crianças exploradas, sendo indispensável não confundirmos “trabalho infantil” com formas de difusão e repasse de cultura por meio das gerações, já que muitas crianças de comunidades ribeirinhas exercem algumas atividades como forma de assimilação de costumes, aprendizagem de valores e atitudes junto à família.

Por fim, destaca-se que o trabalho infantil doméstico é uma das formas mais complexas de trabalho, pois raramente existem medidas específicas de controle da exploração, já que o trabalho não é criminalizado, tendo em vista que não é compreendido como exploração infantil. A criança aprende o que a família ensina, conforme hábitos e costumes de gerações anteriores. As atividades de pertencimento e iniciação à vida adulta das crianças das comunidades ribeirinhas esbarram na legislação de proibição ao trabalho infantil, fragilizando e confundindo o sistema de garantias de direitos.

Referências

ANDRADE, Simei Santos; PACHECO, Tatiana do Socorro Corrêa. Infâncias e crianças ribeirinhas da Amazônia marajoara: linguagens e práticas culturais. **Revista @rquivo Brasileiro de Educação**, Belo Horizonte, v.4, n.9, Set-Dez, 2016.

ANDRADE, Simei Santos; REIS, Magali dos. Amazônia Marajoara: as crianças ribeirinhas e o trabalho infantil na Vila do Piriá – Curralinho/PA. **Revista Labirinto (UNIR)**, v.28, 2018.

ARAÚJO, Sheila Alves de. **A criança indígena nos estudos acadêmicos no Brasil: uma análise das produções científicas (2001 – 2012)**. 2014. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, 2014.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre a literatura e a história da cultura**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

BRASIL. **Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990**. ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente.

CARVALHO, Ana Maria Almeida e BERALDO, Katharina Elisabeth Arnold. Interação criança-criança: ressurgimento de uma área de pesquisa e suas perspectivas. **Cadernos de Pesquisa**, n. 71, 1989.

CASTRO, José Guilherme de Oliveira; SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da; FERREIRA, Mônica Eliana de Oliveira. Entre narrativas: encontro com a infância em um revival histórico. **Revista Cocar**, [S. l.], v. 18, n. 36, 2023.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; PEREIRA, Henrique dos Santos; WITKOSKI, Antônio Carlos. **Comunidades ribeirinhas amazônicas**: modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007.

LEAL, Gyane Karol Santana. **O ensino de ciências e as relações entre escola e espaços não formais**: um estudo com crianças ribeirinhas. 2014. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia) - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, Amazonas, 2014.

MÜLLER, Fernanda; SOUZA, Emilene Leite de. Etnografias em movimento: deslocar-se com as crianças pela cidade. **Civitas: revista de Ciências Sociais**, v.23, n.1, 2023.

POJO, Eliana Campos; ELIAS, Lina Gláucia Dantas; VILHENA, Maria de Nazaré. As águas e os ribeirinhos – beirando sua cultura e margeando seus saberes. **Revistas Margens Interdisciplinar**, v.8, n.11, 2014.

REIS, Magali; SANTOS, Lorene dos; XAVIER, Maria do Carmo. Crianças e infâncias: educação, conhecimento, cultura e sociedade. In: REIS, Magali; XAVIER, Maria do Carmo; SANTOS, Lorene dos (org.). **Crianças e infâncias**: educação, conhecimento, cultura e sociedade. São Paulo: Annablume, 2012.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância, exclusão social e educação como utopia realizável. **Educação & Sociedade**, v.23, n.78, p. 265-283, 2002.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: MARTINS FILHO, A. J.; PRADO, P. D. **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2011.

SCARIM, Paulo César. O brincar e o aprender fazendo. **Território do Brincar**. 2014. Disponível em: <https://territoriodobrincar.com.br/biblioteca-cat/olhares-brasil/entrevistacom-o-professor-dr-paulo-scarim-da-ufes/>. Acesso em: 03 abr. 2023.

Os afazeres das crianças da comunidade de Bom Socorro do Zé Açú, Parintins/AM: trabalho infantil ou tradição?

Sobre os autores

Patrícia dos Santos Trindade

Doutora em Educação (UERJ/2020). Professora Adjunta do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia, Universidade da Federal do Amazonas – ICSEZ/UFAM. E-mail: pstrindade@ufam.edu.br. ORCID: 0000-0002-5197-3908.

Sueyla Ferreira da Silva dos Santos

Doutora em Ciências da Motricidade (UNESP/2020). Professora Adjunta do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia, Universidade da Federal do Amazonas – ICSEZ/UFAM. Email: sueylasantos@ufam.edu.br. ORCID: 0000.0003.1697-6342.

Recebido em: 06/04/2023

Aceito para publicação em: 19/10/2023